

**Carmen Sansone**

Artista, pesquisadora e pós-graduanda em Especialização em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2022) e em Nutrição pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1984). Atua em extensão e pesquisa em gravura (Grupo NAI) e em pintura (Grupo STUDIOP). Foi bolsista de Iniciação Científica CNPq. O tema de sua poética é o retrato e autorretrato, desenvolvido a partir de linguagens de pintura, fotografia e vídeo. Participa de exposições coletivas, exposição individual no CCCEV (Porto Alegre, RS, 2016); [carmensansoneart@gmail.com](mailto:carmensansoneart@gmail.com); <https://orcid.org/0009-0008-7933-5861>.

**Ariane Natássia Pacheco Tietböhl**

Docente da rede Estadual de ensino, em Porto Alegre. Especialização

# Autorretratos: desfoque e limites na imagem representada

## *Self-portraits: blur and limits in the represented image*

**Resumo:** Este artigo discute a produção de autorretratos nas linguagens da fotografia e da pintura a partir da produção de duas artistas visuais. Propõem-se a produzir de forma interseccionada e dialética seus autorretratos e refletir sobre este gênero na contemporaneidade. Empregam-se as noções de autorretrato a partir da autora Annateresa Fabris em diálogo com a autora Eduarda Neves. Laura Flores aborda contrassensos entre as linguagens da fotografia e da pintura na representação de imagens, evidenciando o desfoque.

**Palavras-chave:** autorretratos; desfoque; fotografia; pintura.

**Abstract:** *This article discusses the production of self-portraits in the languages of photography and painting based on the production of two visual artists. They propose to produce their self-portraits in an intersecting and dialectical way and reflect on this genre in contemporary times. The notions of self-portrait are used from the author Annateresa Fabris in dialogue with the author Eduarda Neves. Laura Flores addresses contradictions between the languages of photography and painting in the representation of images, highlighting the blur.*

**Keywords:** *self portrait; blur; photography; painting.*

## Introdução

A produção artística de autorretratos tem sido uma busca incessante para manifestar a identidade, explorar emoções e transmitir experiências. Neste artigo, exploramos a produção poética a partir da colaboração entre duas artistas cuja jornada começou durante o curso de graduação em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014 a 2022).

Neste estudo, as artistas se propõem produzir em conjunto suas experiências, perspectivas e capacidade de criar uma dialética em relação ao autorretrato na contemporaneidade, estabelecendo reflexões de forma interseccionada à criação artística. Em nossa análise, confrontamos ideias que emergem das nossas obras, resultando em uma abordagem com contrapontos que enriquecem nossa compreensão acerca desse gênero artístico.

Tomamos como base as noções e perspectivas da autora Annateresa Fabris, cujo trabalho lança luz sobre o significado e a profundidade do autorretrato na era atual. Através de reflexões sobre as nossas obras, pretendemos explorar as complexidades subjacentes à prática do autorretrato e examinarmos como diferentes abordagens podem levar a uma dialética rica em significado e interpretação.

Este estudo não apenas examina nossas obras, mas também busca compreender como nossas visões, únicas e frequentemente contrastantes do autorretrato na contemporaneidade, podem servir como uma lente para examinar questões mais amplas de identidade, representação e autenticidade na arte. Nosso objetivo é oferecer um estudo aprofundado e crítico das obras realizadas, destacando a riqueza das ideias que emergem da interseção dessas práticas artísticas confrontadas às noções de autorretrato de Annateresa Fabris (2004) e Laura Flores (2011), autoras que destacam as diferenças entre a pintura e o fotografia na criação de autorretratos. As selfies

em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e em Teatro e Educação pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Artista e pesquisadora graduada nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2017; 2022). Participou do PIBID/CAPES de Licenciatura em Artes Visuais (2016). Atua em exposições coletivas; [arianenpt@gmail.com](mailto:arianenpt@gmail.com); <https://orcid.org/0009-0000-0998-7444>.

**Niura Aparecida Legramante Ribeiro**

Doutora em História, Teoria e Crítica da Arte, pelo PPGAV/Instituto de Artes da UFRGS. Estágio doutoral na Université Paris-I, Panthéon Sorbonne, com o prof. Dr. Michel Poivert; Mestre em

contemporâneas oferecem uma liberdade criativa sem precedentes, mas também enfrentam desafios relacionados à autenticidade e à validação social das identidades e linguagens.

O trabalho de Bill Viola nos inspira com seu desafio aos limites da forma e seus efeitos de miragem que criam uma desorientação audiovisual única. Assim como Luc Tuymans e Marina Camargo Silva, referências em diálogo com a produção aqui analisadas.

### Referências permeadoras da pesquisa

A temática que intersecciona nossas pesquisas é a do autorretrato e, para tanto, buscamos subsídios nos escritos de Annateresa Fabris (2004, p. 67):

Se o pintor tem a possibilidade de observar a feitura do próprio retrato, pincelada após pincelada, naquele espelho no qual se converteu a tela, o fotógrafo, ao contrário, não podendo observar a própria pose, goza de uma liberdade muito maior: não só pode levar ao extremo o artifício da encenação, como pode agir metaforicamente e denominar auto-retrato o que quer que seja.

A citação de Fabris remete à criação de autorretratos utilizando fotografia analógica, pois a fotografia digital estava às vésperas de se tornar acessível às pessoas. Ao criar autorretratos em um contexto digital, principalmente com o surgimento das redes sociais, surge o termo “*selfie*” que denomina o ato de autorretratar-se virando a câmera para o próprio fotógrafo, principalmente com o surgimento dos *smartphones* com câmeras frontais.

Philippe Dubois em entrevista concedida à revista *Zum* em 2018, coloca um comparativo entre o retrato e a *selfie*. Para Dubois, o autorretrato é uma imagem de si no mundo, ou seja, uma imagem do mundo em nós como uma imagem de nós no mundo. Por outro lado, a *selfie* é a negação da relação de nós com o mundo ou a contemplação

de si mesmo através da tela do *smartphone*. O entorno na *selfie* funciona como pano de fundo ou cenário para mostrar a presença no mundo e não o confronto que faz parte do autorretrato. O mundo na *selfie*, funciona como presença registrada e não mais como diálogo, entendimento e percepção.

No caso das *selfies*, essa distinção se traduz na liberdade que as pessoas têm para criar imagens de si mesmas, escolhendo ângulos, poses e iluminação que desejam, com a capacidade de observar a feitura da imagem em tempo real, diferentemente do que acontecia com a imagem fotográfica produzida de maneira analógica, nas quais havia necessidade de revelação do filme, por exemplo. No entanto, essa liberdade também pode levar à representação superficial da identidade, com ênfase na busca pela validação social. Fabris reflete sobre a produção das identidades a partir da produção de autorretratos, uma vez que, para ela, o autorretrato também pode ser considerado como “Uma encenação de si para o outro, como um outro.” (Fabris, *Identidades virtuais*, 2004, p.67). O artista, ao se retratar, manifesta, no seu ato, suas emoções, sentimentos e vivências. Seu universo psicológico interfere nas escolhas que determinarão a construção do autorretrato - mesmo que o artista não tenha a intenção de manifestá-lo. Com a dinâmica e rapidez das redes sociais essa fabricação de si a partir das *selfies* se torna ainda mais interessante. No entanto, as *selfies* refletem a dualidade entre a liberdade criativa e a pressão pela perfeição estética, o parecer na era digital.

Outra autora que buscamos para dar continuidade à linha de pensamento desta pesquisa é Eduarda Neves, em cujos escritos também aborda a produção de autorretratos na contemporaneidade. Segundo Neves (2016, p.72):

A ilusão da semelhança da realidade funde-se com a ilusão da semelhança da identidade do fotografado. O rastro indiciário

não garante a representação da identidade. As práticas auto-referenciais contemporâneas enunciam o contínuo estranhamento de si.

Enquanto seres humanos, já exploramos nossos corpos anatomicamente através de imagens exteriores e também interiores (raio-X, tomografias, etc.), e ainda assim não temos uma definição concreta de identidade imutável, verdadeira e nítida. O impulso fotográfico, através da arte, e da consciência do artista mostrará as vivências, experiências e até mesmo violências psíquicas e físicas de um corpo.

Em nossa produção visual projetamos nossas vivências e questões íntimas de forma intencional. A produção de autorretratos possui fluxo poético contínuo, retroalimentado: conhecer-se para produzir e produzir para conhecer-se.

#### **Autorretrato: nitidez versus desfoque**

A partir das linguagens da fotografia e da pintura, utilizadas nas imagens produzidas pelas artistas autoras deste artigo, abordaremos as principais diferenças, semelhanças e contrassensos na exploração dessas linguagens.

Laura Flores (2011) elucida essas questões em seu livro *Fotografia e Pintura: dois meios diferentes?*. A pintura e a fotografia percorrem um longo processo de diferenciação até que ambas sejam consideradas como linguagens propriamente ditas na era da pós-modernidade. O percurso até que a pintura decida-se por ser pintura (mancha, pincelada e não simulacro do real) e a fotografia seja considerada Arte enquanto linguagem, traz à tona as semelhanças e diferenças entre as duas linguagens, bem como o senso comum que se tem sobre as imagens produzidas em ambas.

A fotografia já se propôs a ter características da pintura para

restaurar a dimensão intuitiva, humana e subjetiva, após a era industrial diante do pessimismo da humanidade em relação ao futuro, denominando-se movimento pictorialista. Ambas as linguagens: fotografia e pintura tentam representar a realidade de forma fidedigna e nítida. Conforme Flores (2011, p.114):

Enfim, as imagens da câmara, longe de integrar uma percepção natural do mundo, são, na realidade, as manifestações axiomáticas de uma proposta de realidade. A sintaxe das imagens é, pois, “predeterminada”: a foto, mais que um rastro da realidade, é a imagem de um conceito.

A citação da autora aponta para um conceito fundamental no debate entre a objetividade da fotografia e as nuances da representação artística. A fotografia, como muitas vezes a percebemos, é frequentemente associada à objetividade e à precisão. No entanto, Flores nos lembra que a imagem fotográfica não é uma cópia da realidade, mas sim uma manifestação de uma proposta de realidade. A fotografia não é uma simples janela para o mundo, mas sim a imagem de um conceito, ou seja, um recorte.

Porque a fotografia, enquanto imagem, nunca deixou de ser cópia, aparência, metáfora, representação, assim como a própria pintura. Essa distinção ressalta que a fotografia, assim como a pintura, é uma forma de representação e metáfora. A ideia de que as imagens fotográficas são puramente objetivas e refletem a realidade de maneira imutável deve ser desafiada. As imagens, seja através da pintura ou da fotografia, são construções, expressões subjetivas e metáforas que carregam consigo a visão do artista. Nesse contexto, a fotografia e a pintura se aproximam mais do que se afastam. Conforme reitera a autora “[...]na cisão característica da racionalidade ocidental, a Fotografia representa o polo da objetividade, enquanto a Pintura representa o pólo da subjetividade” (Flores, 2011, p.264).

A crença comum de que as imagens são a representação direta do real é um conceito coletivo que merece ser analisado. A ideia de que as imagens atestam a identidade de um indivíduo é diluída quando consideramos as nuances e complexidades das técnicas de representação, sejam elas próximas ou afastadas. Tanto a fotografia quanto a pintura têm a capacidade expressiva enquanto linguagem artística para comunicar os desejos do artista através da imagem. Essa capacidade de diluir a representação do corpo ou do rosto em autorretratos transcende as duas técnicas, permitindo uma exploração mais profunda da identidade e da subjetividade.

Essa análise nos leva a questionar não apenas a relação entre a fotografia e a pintura, mas também como a percepção do real e da identidade são moldadas pela forma como escolhemos nos representar visualmente. A interseção entre essas duas linguagens artísticas, o autorretrato e as visões de Laura Flores e Annateresa Fabris, oferece um terreno fértil para explorar a complexidade da representação e da identidade na era da imagem.

### **Tecendo Autorretratos: Abordagens Interseccionadas**

Como artistas nos propusemos produzir visualmente desfoque pictórico e fotográfico através da aproximação e do distanciamento. Em nossos processos poéticos produzimos, cada uma, um trabalho, dando seguimento às nossas linhas de pesquisa individuais. Carmen Sansone produziu um autorretrato em pintura com referência em fotografia e Ariane Natássia Pacheco Tietböhl, paralelamente, produziu uma sequência de autorretratos em fotografia. Estes dois trabalhos foram produzidos independentemente, mas mantendo um diálogo permanente entre as artistas. Esse diálogo formou-se através de compartilhamentos, colaborações e partilhas de opiniões e, tal modo de criar e produzir um trabalho em arte, foi considerado muito promissor pelas artistas.

Abordaremos a seguir a produção de cada artista com um pouco de suas trajetórias e a ênfase desta pesquisa.

Carmen Sansone iniciou sua pesquisa em artes retratando pessoas da cidade. No caminho do processo retratou pessoas ligadas a ela e se direcionou para o autorretrato. Em sua pesquisa durante o trabalho de conclusão de curso, abordou questões relativas ao gênero autorretrato e o seu olhar sobre uma questão íntima e pessoal: a alta miopia. Ao retratar-se, tanto fisicamente, como na representação da sua alta miopia, foi necessário um olhar para dentro. Ou seja, de como percebia este constante trânsito entre enxergar nitidamente e enxergar desfocado. E observar o seu olhar para fora, observar como visualizava o seu entorno através da sua deficiência visual e traduzir essas questões para a imagem. Não se tratava apenas de representar um rosto, uma aparência, mas percebeu que desprovida de óculos ou lentes de contato, a qual poderia observar que tipos de imagens se apresentavam a ela, inclusive a sua imagem diante do espelho.

A pintura, para Carmen Sansone, representa um estado de recuo, de pausa e de reflexão. Utiliza a sobreposição de manchas (sem acúmulo de matéria densa), cores, linhas que delimitam o essencial, resultando em uma imagem ora definida, ora incompleta e, assim, constrói seu trabalho pictórico. Este modo de pintar remete aos desafios vivenciados, onde cada um de nós tem seu modo peculiar de experimentar a sua própria existência. Utiliza a pintura, a mancha, a pincelada, para representar a contradição entre a objetividade fotográfica, o desfoque e o embaçamento visual que ela mesma vivencia a partir de sua condição física de alta miopia. O autorretrato em pintura dá destaque à visão pouco nítida devido a alta miopia, insinuando ao espectador o seu modo de se ver sem lentes corretoras, em posição de frente para o observador, desfigurando a própria face.

Em sua produção em pintura, Sansone busca dialogar com

Luc Tuymans (Bélgica, 1958) é um pintor belga, altamente considerado por suas pinturas que se baseiam em técnicas visuais da fotografia e do filme. Tuymans estudou arte e história da arte em Bruxelas, realizando sua primeira exposição individual de pinturas em 1986. Além da pintura, Tuymans também estudou cinema, gravura e fotografia, e se preocupa com a natureza da representação na arte e na mídia de massa. Ele incorpora a fotografia em suas pinturas, seus ângulos recortados e imagens borradas. Tuymans retrata figuras cotidianas, sítios arquitetônicos e outros assuntos comuns, mas dá títulos alusivos à Segunda Guerra Mundial e outros tópicos sombrios. Disponível em: <http://www.artnet.com/artists/luc-tuymans/biography>.

o trabalho do artista Luc Tuymans (Bélgica,1958). Nos retratos de Tuymans, nos diferentes anos de produção, alguns detalhes chamaram a atenção da artista influenciando em sua produção. A ausência de linha de contorno do rosto no limite da tela, ou ultrapassando a mesma, a concentração nos olhos, na boca e no nariz e a figura levemente desfocada sem nitidez. A pintura de rostos como uma insinuação de um rosto “coletivo” e não como retrato buscando exprimir uma identidade. Os retratos de Tuymans conversam com o trabalho da Sansone como uma provocação e isso a faz refletir sobre seu processo.

Para Carmen Sansone, seus autorretratos se revelaram sem expressão. Seu objetivo, com seus autorretratos, foi produzir imagens que revelassem como experimenta o seu modo de ver com as dificuldades da miopia (Figura 1). Estas imagens podem ser de Sansone ou qualquer pessoa que se identifique com a mesma história ou se proponha a fruir da pintura. No autorretrato em pintura, as dimensões seguiram os padrões eleitos até aqui na tentativa de proporcionar o equivalente a um tamanho do rosto humano. O contorno do rosto se aproxima do limite da tela.

Para a pintura *Autorretrato: nítido x desfoque* (Figura 2), foi selecionada uma foto de autorretrato e escolhidos dois modos de fazer o processo pictórico. Do lado esquerdo como visualizava a fotografia (de referência) com a miopia corrigida, e do lado direito como visualizava a fotografia (de referência) sem a correção da miopia. Utilizou a mesma distância da fotografia eleita, para pintar os lados esquerdo e direito da tela. Ou seja, quando ao pintar sem correção visual (sem óculos ou lentes de contato) não se aproximou da tela, pintando aquilo que percebia como imagem. O resultado surge como um rosto nítido com contornos definidos que se transforma em uma aparência desfocada sem contornos da anatomia.



Figura 1. Carmen Sansone, *Autorretrato*, 2022. Tinta acrílica sobre tela, dimensões: 25 x 25 cm.

Ariane Tietböhl iniciou sua pesquisa em Artes Visuais, durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2014, trabalhando com autorretratos de seus alunos durante o estágio obrigatório, refletindo a respeito das suas subjetividades e singularidades como indivíduos na sociedade. No curso de Bacharelado, a partir de 2018, explorou o sentimento de angústia existencial como intercessor em seus processos de



Figura 2. Carmen Sansone, *Autorretrato: nítido x desfoque*, 2023. Tinta acrílica sobre tela 25 x 25 cm.

produção criativa através de autorretratos nas linguagens da fotografia e da aquarela. Ampliou seu processo investigativo para além dos autorretratos de seus alunos para seus próprios autorretratos. Surgiu neste contexto o questionamento sobre a inclusão de seu corpo nas imagens, além do próprio rosto. Esse questionamento foi o gatilho para desenvolver esse trabalho em questão.

O objetivo de Ariane Tietböhl, (Figura 3) era investigar uma forma possível de desfoque de seu corpo como um todo dentro da paisagem.

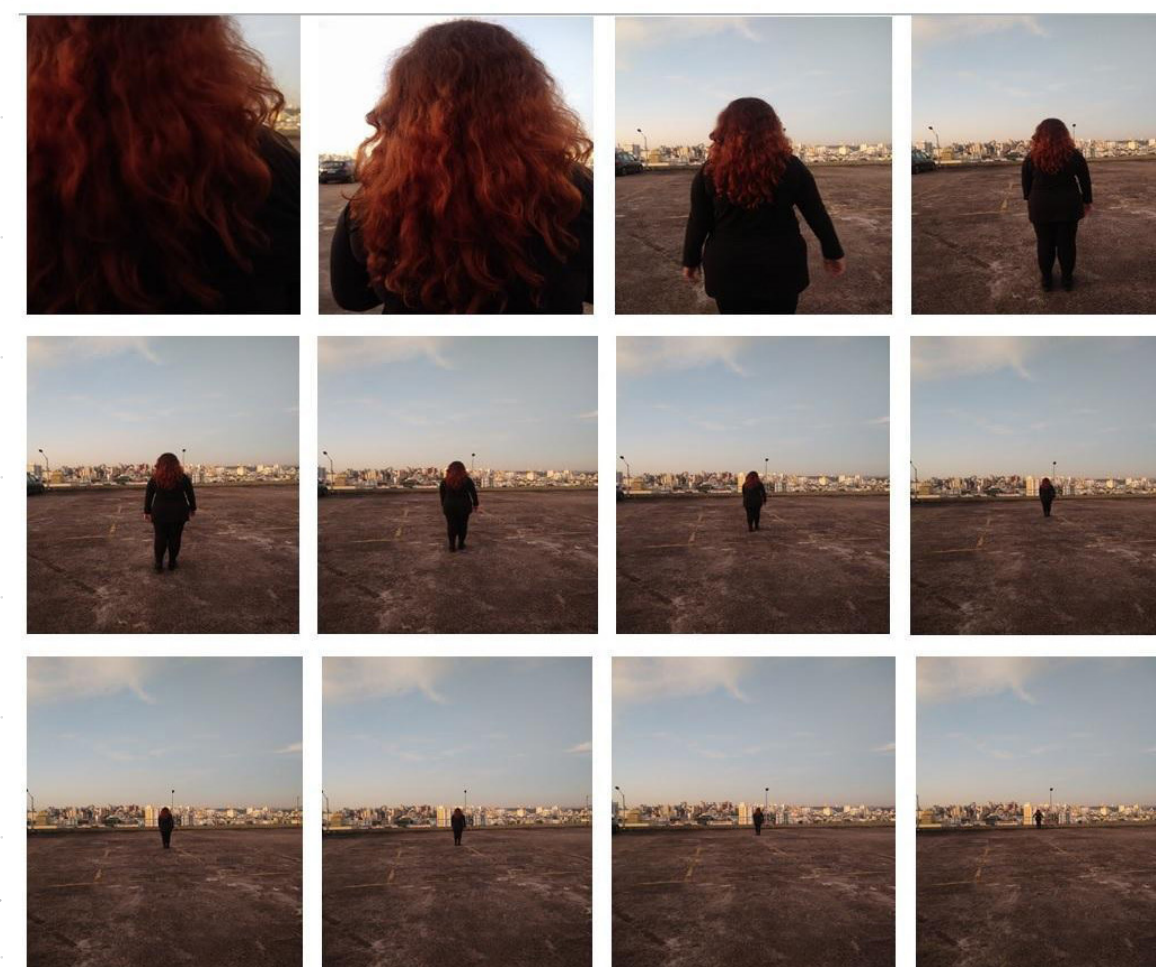


Figura 3. Ariane Tietböhl. *Autorretrato na cidade de POA*, fotomontagem, 50 x 50 cm, 2023. Fotógrafa: Carmen Sansone

Buscou um espaço amplo e questionou as possibilidades técnicas de concretizar a ideia através da exploração de zoom mecânico ou digital. A solução encontrada foi realizar registros quadro a quadro, dispondo as imagens fotográficas como uma narrativa.

Com o auxílio da Carmen Sansone, Ariane Tietböhl foi fotografada várias vezes, a cada ponto que se distanciava da câmera. Posteriormente, foi realizada uma disposição das imagens digitalmente em aplicativos como *Photoshop*, conforme se aproximava do conceito de distanciamento que buscava.

A ideia de narrativa quadro a quadro, com a figura da Tietböhl vista de costas (Figura 3), é um elemento crucial no trabalho de

Tietböhl. Essa abordagem permite criar uma sequência visual que conta uma história ou transmite uma mensagem de maneira gradual e evolutiva. Cada quadro ou estágio na narrativa pode representar uma mudança, uma transformação ou uma progressão na jornada emocional ou conceitual da artista.

A representação da Tietböhl de costas é significativa, pois coloca o foco na ação ou na jornada em si, em vez de revelar sua identidade facial. Isso cria uma sensação de universalidade, permitindo que o espectador se projete na figura e na experiência, tornando-a mais acessível e aberta à interpretação. O uso da figura de costas também pode simbolizar uma busca por algo, um afastamento de um estado anterior, ou até mesmo uma sensação de anonimato, em que a identidade da artista se dissolve em favor de um aspecto mais amplo da experiência humana, diante do próprio ambiente em que o indivíduo está contido.

Esse *Autorretrato na cidade de POA* se assemelha ao trabalho da artista visual maceioense Marina Camargo em seu vídeo *Alpenprojekt II\** de 2013. Nessa obra, Marina Camargo também é vista de costas diante da paisagem dos Alpes alemães, o que favorece a criação de uma conexão entre a obra da Ariane Natássia Pacheco Tietböhl e a de Marina Camargo, na medida em que ambas exploram a relação entre o eu, o ambiente e a busca pela identidade em contextos diversos. Camargo busca em sua obra expressar a magnitude da paisagem natural, enquanto a Ariane Tietböhl está imersa em uma paisagem urbana.

Configura-se como autorretrato, mesmo sem mostrar o rosto das artistas. Sendo uma maneira intrigante de desafiar as convenções tradicionais de autorretratos, focados no rosto. Isso enfatiza a importância da presença da artista no trabalho, não apenas fisicamente, mas também conceitualmente. Ariane Tietböhl está presente na

narrativa, nas escolhas estilísticas, nas decisões de composição e na escolha do momento de virar as costas para o espectador. Esse afastamento funciona como uma declaração artística, convidando o espectador a refletir sobre a identidade, a representação e a conexão emocional com o trabalho.

Em resumo, a narrativa quadro a quadro, a figura da artista vista de costas e o atestado de que se trata de um autorretrato são elementos que juntos contribuem para a profundidade e a complexidade do trabalho da Ariane Tietböhl, permitindo uma exploração das questões de identidade, narrativa e auto expressão na arte contemporânea.

#### Referencial artístico - dialética entre o trabalho das duas artistas

Como referencial artístico comum selecionado, buscamos o trabalho de Bill Viola (EUA, 1951). Viola desafia os limites da imagem através do borramento causado pela aproximação e distanciamento focal. No filme: *Chott el-Djerid (Um retrato em luz e calor, 1979)*, o que pontualmente nos interessou foram os efeitos de miragem, em que os objetos refletem a luz e passam a ficar distorcidos, as pessoas se transformam em manchas quando se movimentam. Acontece uma ausência de nitidez nas formas, produzindo um efeito pictórico. O artista questiona os limites da forma criando uma desorientação visual.

Em cada frame do vídeo, Bill Viola remete aos nossos próprios trabalhos, enriquecendo as suas apreciações entre o nítido e o desfocado, a aproximação do rosto ao distanciamento do corpo, o eu e o mundo, a unicidade e o desmembramento.

Como artistas, reconhecemos semelhanças em nossas trajetórias. A busca do autorretrato se aprofundou, primeiramente, na produção a partir de autorretratos de outras pessoas sendo o foco de nossas produções atualmente, como autorretratos de si mesmas. Carmen

Marina Camargo Silva é uma artista visual que utiliza de diferentes linguagens artísticas em suas produções. Nascida em Maceió (AL), mudou-se para Porto Alegre (RS). Formou-se em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e obteve o título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma instituição (2007). Atualmente,

vive entre Porto Alegre e Berlim, na Alemanha. Participou da Bienal do Mercosul na 7ª e 8ª edições (Porto Alegre, 2009 e 2011), além de exposições coletivas em diferentes países e cidades brasileiras.

\* Disponível em: <<https://marinacamargo.com/portfolio/alpenprojekt/>>. Acesso em 08 de Outubro de 2023.

Sansone retratou moradores de rua e pessoas ligadas a ela e a Ariane Tietböhl retratou seus alunos. A produção dos trabalhos continha um olhar para o outro, que se deslocou em um olhar para si mesma. Isso implica em observar primeiramente o entorno, tentar decifrar o olhar do outro, suas peculiaridades explorando o seu universo e após isso sentir a necessidade de voltar-se para si com a bagagem adquirida nas experiências anteriores. Temos como base que, para olhar-se, é importante ter uma bagagem adquirida anteriormente para que este auto olhar seja conduzido de modo a construir uma poética em artes visuais.

O contraponto do autorretrato se manifesta na tensão entre o nítido e o desfocado, desafiando-nos a refletir sobre como a identidade se forma e se transforma diante da câmera ou do pincel. Como artistas lembramos ainda que a expressão visual pode ser uma maneira poderosa de explorar a complexa interseção entre o eu e o mundo, entre o ser e o ambiente. Através de nossas narrativas visuais convidamos para compartilhar experiências íntimas de ver o mundo por meio de nossas perspectivas individuais, convidando a contemplar a riqueza e a diversidade da experiência humana.

### **Conclusão**

Ambos os trabalhos analisados fazem um convite ao espectador – “coloque-se em meu lugar” – para que, a partir da perspectiva das artistas, possam ver o mundo através de nossos olhos. Mesmo sem vermos seu rosto, por estar de costas, ausente ou com parte dele borrado ou desfocado, é possível observar o que estão olhando, incluindo seu próprio rosto ou a cidade. Nesse processo, somos capazes de intuir suas emoções. Essa abordagem oferece uma experiência íntima de ver o mundo através do filtro da percepção de duas artistas, proporcionando uma conexão mais profunda com suas

obras e perspectivas.

Através dos trabalhos analisados, buscamos compartilhar as contraposições e contradições que emergem em nossas criações, assim como as linguagens utilizadas. Essas divergências não são apenas contrapontos, mas sim fontes de enriquecimento, pois desafiam o espectador a considerar a multiplicidade de abordagens possíveis para a prática do autorretrato na contemporaneidade.

As obras exploradas proporcionam insights sobre as complexidades da identidade na era atual. Suas representações autorreflexivas, muitas vezes distintas e conflitantes, nos incentivam a questionar as noções tradicionais de autenticidade e a explorar a importância da subjetividade nos processos e resultados da produção em artes visuais.

Em última análise, este estudo sublinha a importância da inovação e da experimentação e cocriação na prática do autorretrato. Ao desafiar as normas estabelecidas e explorar novas abordagens para a representação de nossas identidades, reiteramos que a arte está em constante movimento e tem o poder de nos fazer enxergar o mundo com olhos renovados. O desfoque e os limites da imagem representada nos incentivam a refletir sobre a natureza maleável e multifacetada da identidade humana, mostrando-nos que a arte e a autenticidade continuam a resistir à nitidez, mantendo-se como reflexos vibrantes da experiência humana.



### Referências

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 13ª Edição. Campinas: Papyrus, 2010.

DUBOIS, Philippe. Philippe Dubois e a elasticidade temporal das imagens contemporâneas. Entrevista concedida a Lúcia Ramos Monteiro. Revista Zum, 7 de fevereiro, 2018.

Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-philippe-dubois/>>  
Acesso em: 20 nov. 2023.

FABRIS, Annateresa. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FLORES, Laura González. Fotografia e pintura: dois meios diferentes? São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

NEVES, Eduarda. O auto-retrato: fotografia e subjectivação. Lisboa: Palimpsesto, 2016.